

Dossiê - Dossier

Homenagem a Ruth Monserrat

Tribute to Ruth Monserrat

organizado por / organized by
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes
Lucas Barbosa de Melo
Lucivaldo Silva da Costa
Maria Cristina Macedo Alencar
Quélvia Souza Tavares
Sanderson C. Soares de Oliveira



UnB

Memorial

Memorial

Ruth Maria Fonini Monserrat

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56733

Recebido em novembro/2024 e aceito em dezembro/2024.

Apresentado para inscrição no Concurso para Professor-Assistente de Linguística da Faculdade de Letras da universidade Federal do Rio de Janeiro, em abril de 1980

Submitted for registration in the Competition for Assistant Professor of Linguistics at the Faculty of Letters of the Federal University of Rio de Janeiro, in April 1980

Inicialmente, eu queria ser professora de matemática. Tal vocação durou dos seis aos 18 anos, acarretando um amor compulsório por aquela disciplina durante todo o primário, o ginásio e o científico, com o conseqüente resultado das boas notas, o que, por sua vez, aumentava meu amor por ela, o que, por sua vez, etc., etc... Aos quinze anos de idade já dava aulas particulares – de matemática – e, eventualmente, também de português e latim. Paralelamente à “vocação”, desenvolvia-se em mim, com verdadeira paixão, o gosto pela leitura. Literalmente devorei tudo que me caiu nas mãos, sem orientação literária alguma, até o terceiro ano científico: desde romances “para moças” e romances de capa e espada até os clássicos da literatura universal. Não havia televisão naquela época, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Talvez pelo tempo livre que isso me proporcionava resolvi, aos 14 anos, aprender grego. Sozinha, com uma gramática retirada da Biblioteca Municipal. Os dois meses de estoicismo que durou esse estudo renderam-me o domínio escrito do alfabeto e de umas quantas frases que jamais soube como se pronunciavam.

Em 1956 terminei o Curso Colegial, em Porto Alegre, no Colégio Americano. Até o ano precedente estudara e vivera em Caxias do Sul, minha cidade natal. Em 1957 ingressei na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, no curso de Matemática. E a vocação foi passando, à

medida que os meses foram passando. Batiam com força à porta dos meus 18 anos as perguntas fundamentais: Quem sou? A que vim? E Deus? E a Ciência? Na metade do segundo ano, abandonei definitivamente o curso e a vocação de matemática. No ano seguinte, 1959, após prestar novos exames vestibulares, ingressei – como talvez não pudesse deixar de ser – no curso de Filosofia da mesma universidade. Queria especializar-me em Psicologia e em me conhecer melhor. Três anos e muitos filósofos depois, eis-me Bacharel em Filosofia (doc.1). Começara a trabalhar, no início de 1960, como Auxiliar de Bibliotecária na Biblioteca da Faculdade de Filosofia. Dedicava-me principalmente à classificação de livros, o que me permitia continuar a ler muito e de tudo. Inscrevi-me no curso de Didática em 1962, para obter a Licenciatura (doc.2). Mas estava firmemente disposta à especialização ou pós-graduação no exterior.

Surge então uma oportunidade única para mim, que não dispunha de recursos financeiros para viagem alguma: a Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, de Moscou, inaugurada em 1960. Com um pequeno senão – não havia curso de Psicologia em oferta. Com uma ponta de remorso por ter que me decidir por aquilo que considerava um prazer, e não um trabalho, resolvi fazer o curso de Língua e Literatura Russa, na Faculdade de Filologia.

De 1962 a 1967 li muita literatura em Moscou. Mas, principalmente, tomei contato com algumas coisas que marcariam daí por diante minha vida acadêmica e profissional. Primeiro, descobri que existia uma ciência chamada Linguística (até então, nem de nome a conhecia). E também, que havia línguas indígenas no Brasil, e que elas não se resumiam àquele genérico “tupi-guarani” dos primeiros séculos e dos compêndios escolares de História. Além disso, convivi com e aprendi a respeitar uma série de pessoas altamente especializadas e competentes: meus professores de Linguística, de Literatura e de Russo.

A idéia de especializar-me em Linguística e trabalhar com línguas indígenas, quando retornasse ao Brasil, foi-se impondo pouco a pouco. Minha dissertação de Mestrado, produzida naquela Universidade, constituía já um embrião do tipo de atividades a que me dedicaria mais intensamente daí por diante. Tratava-se de trabalho sobre uma língua indígena – o guarani paraguaio contemporâneo -, desenvolvido com o auxílio de uma colega, informante nativa da língua, em que era proposto e descrito um procedimento heurístico de descrição lingüística (doc.3). Esse trabalho mereceu a qualificação máxima da banca examinadora na defesa de tese, em maio de 1967 (doc.4).

De volta ao Brasil naquele mesmo ano, ocupei-me, durante o 2º semestre, com a tradução de um livro russo, O Processo de Nuremberg, para

a Editora Civilização Brasileira (o livro acabou não sendo publicado), e como professora de russo no Centro Cultural Brasil-URSS de Porto Alegre.

No início de 1968 surge a primeira perspectiva de concretização dos meus planos a respeito da Linguística. Realiza-se em Porto Alegre o I Instituto Brasileiro de Linguística, com a presença de expoentes dessa disciplina, como o Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, a Dra. Ursula Wiesemann, o Dr. Brian Head, entre outros. Participei nesse Instituto como aluna regular, nos Cursos de Fonologia, Morfologia e Sintaxe, e Estrutura do Português (doc.4). Tive, com os dois primeiros professores, um treinamento sistemático e intensivo, orientado especificamente para o estudo de línguas indígenas, na linha de trabalho da Tagmêmica (no caso de Wiesemann).

Daí por diante minha vida profissional como linguista esteve ligada basicamente ao estudo e à pesquisa, e, secundariamente, às atividades de magistério.

Estudos

No 1º semestre de 1968 deveria iniciar-se no Rio de Janeiro, no Museu Nacional, sob coordenação e direção do Dr. Aryon Rodrigues, o Programa de Pós-Graduação em Linguística, pioneiro no Brasil. No 2º semestre desse ano eu já estava morando no Rio de Janeiro, inscrita como aluna regular no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Museu Nacional (doc.6), com bolsa da Fundação Ford.

Concomitantemente, dava entrada na Faculdade de Letras da UFRJ com o processo para revalidação do título de mestre em Ciências Filológicas que me fora outorgado em 1967 pela Universidade Patrice Lumumba. Em 1969 esse título foi reconhecido, por decisão do Conselho de Ensino para Graduados da UFRJ, com o parecer favorável do então Conselheiro Dr. Eduardo Portella (doc.7). Entretanto, continuei cursando o Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional até sua transferência para a Faculdade de Letras da UFRJ, em 1972.

A par disso, participei em 1969 como aluna regular no III Instituto Interamericano e II Instituto Brasileiro de Linguística, realizado em São Paulo (doc.8), onde retomei o contato com o guarani paraguaio, desta feita no curso de Trabalho de Campo ministrado pelo Dr. Jorge Suárez, especialista dessa língua. Como aluna do prof. John Smith, tive a oportunidade de iniciar-me nos labirintos da Linguística Computacional, e, como aluna do prof. Heles Contreras, nos meandros da Gramática Transformacional.

Em 1973, inscrevi-me no curso de Doutorado em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ, deixando de frequentá-lo após a obtenção dos créditos necessários para proceder à elaboração de tese. A seguir, como estagiária no Setor Linguístico no Museu nacional/UFRJ desde 1970

(doc.9), participei ativamente nos diversos Seminários organizados pelo referido Setor desde 1976 (doc.10).

Esses anos discentes tiveram para mim grande importância informativa e formativa. Fui aluna de linguistas do porte de Mattoso Câmara Jr., Aryon Rodrigues, Carl Harrison, Anthony Naro, Jorge Suárez. Tive o prazer de conhecer e ouvir Sarah Gudschinsky, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Robert Grimes. E a sorte de ser colega de Yonne Leite, Miriam Lemle, Charlotte Emmerich, Leda Bisol, Euzi Moraes, Margarida Basilio, Emmanoel dos Santos, Helena Gryner, Humberto Menezes, Alzira Tavares de Macedo, Maria Aparecida Botelho Pereira Soares, Bernadette Abaurre, entre outros profissionais hoje respeitados na área do ensino e da pesquisa linguística.

Atividades de pesquisa

Em julho de 1969, por incentivo do Dr. Carl Harrison, como coroamento de um curso de Trabalho de Campo com a língua Canela, tivemos, a profa. Charlotte Emmerich, do Museu Nacional, e eu, nosso batizado como pesquisadoras “de mato”, numa excursão ao Parque Indígena do Xingu para documentação inicial das línguas Txicão (Karibe) e Aweti (Tupi), ainda não estudadas (doc. 10). Como resultado dessa primeira viagem ao campo elaboramos Fonologias provisórias do Aweti, mais tarde publicada (doc. 11), e do Txicão. O meu gosto e a paulatina experiência que fui adquirindo nesse tipo de trabalho foram crescendo em viagens subseqüentes, ora só, ora em companhia da referida professora, nas quais fomos documentando algumas das línguas faladas no Xingu (como o Trumái e o Yawalapiti) e individualmente fui aprofundando o estudo do Aweti (doc 10). A par disso, durante a viagem efetuada em janeiro de 1974, pude participar do I Encontro de Chefes Indígenas do Xingu, durante o qual gravei todos os discursos pronunciados pelos chefes indígenas em suas línguas maternas, com a respectiva tradução ao português. Em 1975 fui testemunha de outro acontecimento histórico importante, a transferência oficial do grupo indígena Krenhacârore para o Parque do Xingu. O pequeno levantamento vocabular do Krenhacârore que fiz então – com os falantes ainda praticamente monolíngues – constitui a primeira documentação científica dessa língua. Em viagem posterior, em 1978 (doc. 10), com o então estagiário do Setor Linguístico Ronaldo Louro, já pude fazer o registro escrito e magnetofônico de um vocabulário maior, com cerca de 400 itens.

Durante o ano de 1970, sob orientação do prof. Aryon D. Rodrigues, realizei um estudo das fontes manuscritas existentes na Biblioteca Nacional sobre a língua Tupi do século XVIII, bem como da Fonologia daquele estágio do Tupi (docs. 10 e 12). Tal trabalho foi importante para o maior conhecimento do Tupinambá e da estrutura geral das línguas Tupi-Guarani.

No início de 1973 e de 1974 fiz, juntamente com Charlotte Emmerich, duas viagens ao município de Itambacuri (MG), região histórica de concentração de índios Botocudos no século XVIII. Fôramos informadas de que ainda viviam três remanescentes dessa tribo que falavam sua língua materna. A partir da documentação conseguida in loco com os três informantes, já idosos, decidimos fazer um estudo detalhado das fontes históricas e lingüísticas sobre os Botocudos para, por um lado, verificar se a Lingüística poderia contribuir para aclarar a controvérsia sobre a origem étnica desse grupo e, por outro, depreender, na medida do possível, as relações lingüísticas entre os distintos sub-grupos freqüentemente nomeados na literatura. Resultado dessa pesquisa foi a elaboração e publicação do trabalho “Sobre Aimorés, Krens e Botocudos. Notas lingüísticas” (doc. 13).

O Aweti, língua classificada como pertencente ao tronco Tupi, foi a língua indígena que estudei mais detalhadamente. Além daquele primeiro trabalho sobre Fonologia acima citado, fiz a descrição de aspectos parciais da estrutura dessa língua: a negação (doc. 14), a prefixação pessoal (doc. 15), a nasalização (docs. 16 e 17), a nominalização. Em excursão ao campo com Yonne Leite à aldeia indígena Tapirapé, em 1976 (doc. 10), fizemos um estudo comparativo da morfo-fonêmica Tapirapé e Aweti. O Aweti entra, ademais, como uma das línguas analisadas no projeto de Reconstrução Histórica do Tupi, do Setor Lingüístico do Museu Nacional, coordenado por Yonne Leite (doc. 10). E finalmente, a pesquisadora Marília Lopes Faço Soares e eu estamos fazendo um estudo sobre a Hierarquia Referencial em Línguas Tupi, cujos resultados serão apresentados em forma de comunicação durante a 32ª Reunião Anual da SBPC, a ser realizada em julho deste ano (doc. 18), investigação na qual a língua Aweti serve de ponto de partida para a própria hipótese da existência de tal hierarquia em línguas Tupi.

Outra linha de minhas atividades de pesquisa está ligada à alfabetização. Nesse sentido participei, em janeiro de 1976, no Seminário para Elaboração de uma Orografia Prática para a Língua Bakairi, no Posto Indígena Simões Lopes (MT), como assessora lingüística (doc. 10). Resultado dessa viagem é o trabalho entregue para publicação ao Instituto Lingüístico de Verão (SIL) e intitulado “Uma ortografia para a língua Bakairi” (doc. 19).

Em 1975-76 tive outra experiência no campo da alfabetização, desta vez com o Português, ao participar como consultora lingüística no projeto “Reformulação de Currículos: Alfabetização”, da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, sob coordenação da profa. Helena Gryner, da Faculdade de Letras (doc. 20).

Outro projeto de pesquisa ligado secundariamente à alfabetização, no qual estou envolvida desde 1979, refere-se ao Iranxe, língua considerada como isolada e ainda muito pouco documentada e estudada. Realizei em abril de 1979 viagem à aldeia indígena Iranxe do Cravari (MT), a convite de missionários da Missão Anchieta (doc. 10), a fim de coletar e estudar a língua com vistas imediatas à elaboração de uma ortografia prática para fins de alfabetização dos indígenas na língua materna. A comunicação que apresentei na 31ª Reunião Anual da SBPC, em 1979, tem como título precisamente “Elaboração de uma ortografia para a língua Iranxe” (docs. 21 e 22). Para o segundo semestre do presente ano está prevista nova excursão ao campo, para dar continuidade à documentação e análise do Iranxe.

Em 1978 e 1979, em comunicações apresentadas nas reuniões anuais da SBPC desenvolvi, em colaboração com colegas professoras do Centro Unificado Profissional (RJ), dois trabalhos de pesquisa do Português, um sobre erros de concordância em textos escritos de alunos recém-ingressados na universidade (doc. 23) e outro sobre processos de ênfase sintática (doc. 24). Versão modificada do trabalho sobre concordância foi entregue para publicação ao CUP, com o título “Erro e Evolução Lingüística: A Concordância” (doc. 25).

Entre minhas atividades no Setor Lingüístico do Museu Nacional está a participação, por contrato com a Funai (1978), na “Avaliação do Trabalho Lingüístico do Summer Institute of Linguistics (SIL) no Brasil.

Atividades didáticas

Eu disse antes que as atividades didáticas tiveram caráter secundário em minha vida profissional. Apesar disso, de certa forma sempre estive envolvida com tal tipo de atividades: adolescente, como professora particular de Matemática, Latim e Português; de volta ao Brasil, em 1967, como professora de Russo; em 1969-1970 como professora-horista de Lingüística na Faculdade de Letras da UFRJ; em 1977-78 (doc. 27) como professora de Lingüística e Português no Centro Unificado Profissional (CUP); em 1977 (doc. 10) como professora de Fonética articulatória no curso de Introdução à Lingüística promovido pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em Cuiabá (MT); em 1978 (doc. 28) como professora-conferencista de Português na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas; de 1975 a 1980 como conferencista ou palestrante eventual sobre problemas relacionados à pesquisa com línguas indígenas: em cursos de graduação da Faculdade de Letras da UFRJ; no I Seminário Brasileiro sobre Problemas da Mulher Jovem, Rural e Indígena, promovido pela OEA em Dourados – MT (doc. 10); no Museu do Índio (doc. 30); na Universidade Gama Filho (doc. 31); como organizadora de um curso de

Introdução à Lingüística, com noções de Fonética, Fonologia, Morfologia, Trabalho de Campo, a ser ministrado por mim em maio do presente ano (doc. 10), no Pará, a convite do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Viagens

De 1971 a 1975, ou seja, até a implantação do depósito compulsório para sair do país, visitei com meu marido diversos países da América Latina. Nessas viagens conheci os Centros de Lingüística de várias universidades. Em Lima, pude entrevistar o influente lingüista e pesquisador Alberto Escobar. No México, participei no XLI Congresso Internacional de Americanistas, que contou com a presença de antropólogos, lingüistas e historiadores da mais alta competência, ligados à problemática indígena das Américas (doc. 10).

No início de 1976, como fruto do entusiasmo pelo trabalho que faziam os lingüistas peruanos contemporâneos, publiquei, em co-autoria com Helena Gryner, o trabalho intitulado “Língua, Cultura e Desenvolvimento” (doc. 32), que consiste na seleção, organização, tradução e apresentação de sete artigos de Lingüística de autores peruanos. Minhas incursões pela tradução (atividade tão mal-remunerada) limitaram-se, a partir daí, a apenas mais um artigo, “O Estado e o Homem”, publicado em 1979 no nº.12 da Revista Encontros da Civilização Brasileira (doc. 33).

Nesses anos todos, até 1978, minhas atividades de pesquisa foram financiadas, inicialmente (1971-1975) pelo Conselho de Pesquisa e Ensino para Graduados da UFRJ (CPEG), e (1977-1978) pelo Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (docs. 10 e 34). Atualmente, pesquiso graciosamente no Museu Nacional.